

# **Era só o que (me) faltava!**

*Benjamim Moreira*

Escola Secundária Santa Maria Maior

## **1. Introdução**

O texto que agora apresento não é mais do que um pequeno contributo para a problemática mais vasta da “construção da significação” em português. Nessa medida, ele constitui uma achega e não o resultado de um programa de investigação<sup>1</sup>.

Aceitando os limites que qualquer trabalho metalinguístico comporta – e sobretudo quando nos propomos trabalhar sobre enunciados produzidos em contexto de interlocução – assumimos, no quadro da Teoria Formal Enunciativa, que o valor referencial do enunciado é construído e estabilizado na/pela enunciação, procedendo de um encadeamento de relações entre os termos. Por isso, só uma abordagem transcategorial (tempo, aspecto, modalidade, prosódia) e uma observação teorizada permitem uma descrição criteriosa de objectos linguísticos como os que aqui apresentarei.

O problema concreto é: em que medida mecanismos tão diferentes como uma determinada curva melódica e termos como “só” e “mais” podem, em certas circunstâncias, ser reconhecidos como muito próximos na construção/reconstrução da significação?

As tentativas de resposta incluirão a proximidade mas também a especificidade destes marcadores.

## **2. Caracterização geral**

Dividiremos a apresentação em duas partes. Na primeira (2.1), estará em causa a retoma de uma ocorrência estabilizada (construída com valores referenciais) e, numa segunda (2.2), que constitui a nossa proposta, a operação de retoma de uma relação predicativa (ainda) não localizada.

### **2.1 Primeira abordagem**

Partimos da sequência (0) *Era o que (me) faltava*

Desprovida de coordenadas enunciativas, não é um enunciado. Queremos dizer que a construção da significação não se faz fora da inter-relação dos planos tempo-

---

<sup>1</sup> Não pude incluir aqui as observações dos presentes no congresso, nomeadamente das Professoras Ana Maria Brito, Fernanda Irene Fonseca, Henriqueta Costa Campos e Teresa Oliveira. Esses contributos, que muito agradeço, aparecerão em breve num trabalho mais desenvolvido.

ral-aspectual-modal-nocional com o plano da enunciação. O mesmo é dizer que um enunciado contém as marcas de um processo dinâmico (complexo) de relações entre esses planos. Por isso, esta sequência pode assumir valores distintos dependendo do predomínio de determinados elementos incluindo os supra-segmentais. Vejamos três exemplos com valores diferentes prosodicamente marcados:

a) carácter assertivo: (1) *Encontrei um cromó. Era o que me faltava.* Corresponde a uma constatação/identificação.

b) carácter confirmativo: (1') *Encontrei uma carga. Era (precisamente, exactamente) a que me faltava.*

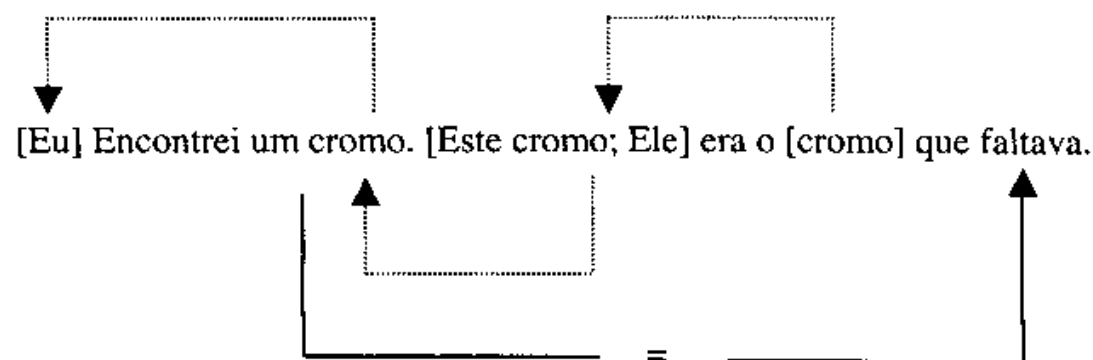
c) carácter surpresa (exclamativo): exprimindo contentamento de S: (2) *Encontrei um cromó. Era o que me faltava!*; (2') *Encontrei uma carga. Era a que me faltava!*

Algumas observações breves se impõem acerca dos exemplos acima apresentados. No quadro da Teoria Formal Enunciativa, “os valores que caracterizam um enunciado correspondem a relações binárias de localização abstracta – um termo x é localizado em relação a um termo y, adquirindo nessa e por essa relação um valor de determinação que não possuía antes” (Campos 2002: 75).

2.1.1 Das sucessivas operações de localização que incidem sobre a relação predicativa <encontrar, cromó, eu>, e que lhe conferem determinação, resultam enunciados como, p.e. (1) e (2) ou

(3) *Encontrei o cromó que faltava*, sinteticamente representado no diagrama 2.

A construção da referência é feita através de um mecanismo encadeado decomponível em quatro estádios<sup>2</sup> representados no diagrama 1:



(Diagrama 1) [Representação da sequência de operações de (1) e (2)]

a) a interpretação do pronome “o” (“que faltava”) só é possível pela retoma, com identificação referencial, do SN “um cromó” (“que encontrei”).

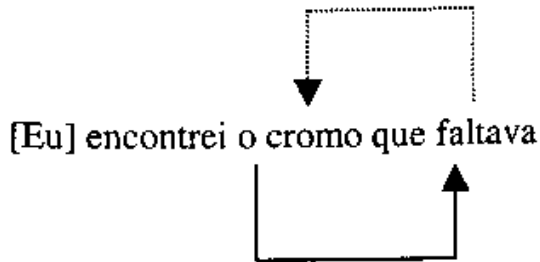
b) O termo antecedente “um cromó” é localizado em relação ao termo localizador, sujeito do enunciado “eu” (“encontrei”).

<sup>2</sup> Trata-se de uma representação metalinguística das operações em jogo.

c) O sujeito sintáctico ([‘ele, este cromó’] “era”) é localizado pelo termo co-referencial antecedente “Um cromó”.

d) Uma operação de identificação marcada pelo copulativo (“Era”) associa o sujeito sintáctico [ele/ela] (termo co-referencial do SN “Um cromó”) ao termo pré-construído “o que faltava”. Temos então ‘Esse cromó [que encontrei] era o [cromó] que faltava’, ou, de outro modo,

(3) *encontrei o cromó que faltava.* (Diagrama 2)



Em (3), o encadeamento da construção permite ver com nitidez o estatuto localizador do termo mais determinado “que faltava”, i.e., a relação predicativa <faltar, cromó> constitui-se como termo localizador da cascata de determinações de quantificação e de qualificação.

### 2.1.2 O plano temporal-aspectual.

Também os valores temporais e aspectuais que caracterizam um enunciado resultam de relações binárias de localização abstracta entre um tempo T do enunciado – termo localizado – e uma segunda coordenada temporal T’, que é o termo localizador (cf. Campos 2002: 75).

A partir de T<sub>0</sub>, tempo da enunciação, são construídos dois acontecimentos linguísticos disjuntos: (a) “encontrei um cromó”; (b) “que faltava” (i.e. “faltava um cromó”).

Em (a), uma relação predicativa (<encontrar, cromó>), construída como validada em T anterior a T’, é estabilizada pelo processo subsequente (b).

Uma glosa dos mecanismos de entrosamento da construção dos dois processos poderia apontar para: ‘um cromó foi encontrado, o cromó que foi encontrado é o cromó que faltava, o cromó está encontrado e assim já não falta o cromó que faltava’. Notemos que “assim” e “já” representam a retoma do antecedente, construindo o conseqüente e marcando a mudança de estado [‘a existência do cromó’], em T<sub>0</sub>.

Vimos que a asserção “faltava um cromó” (relação predicativa quantificada/qualificada <faltar, cromó>), tendo sido construída previamente, constitui o termo localizador na enunciação de (1), (2) e (3). Na situação de enunciação, esse termo apresenta-se num plano disjuncto, destacado e em ruptura com o Tempo do enunciado e o Tempo da enunciação.

O copulativo “Era” é marcador da operação de identificação<sup>3</sup> entre os dois planos, ou seja, marca a adequação entre duas ocorrências da mesma noção lexical.

2.1.3 Vimos que em (1), (2) e (3) os pronomes “o”, “a” (entre outros possíveis: “os”, “as”, “este”, “esta”, etc.) concordam com o termo antecedente nos seus traços gramaticais de gênero e número. Trata-se da retoma anafórica de um SN (“um cromó”, “uma carga”) com identificação referencial entre as duas formas linguísticas.

## 2.2 Segunda abordagem

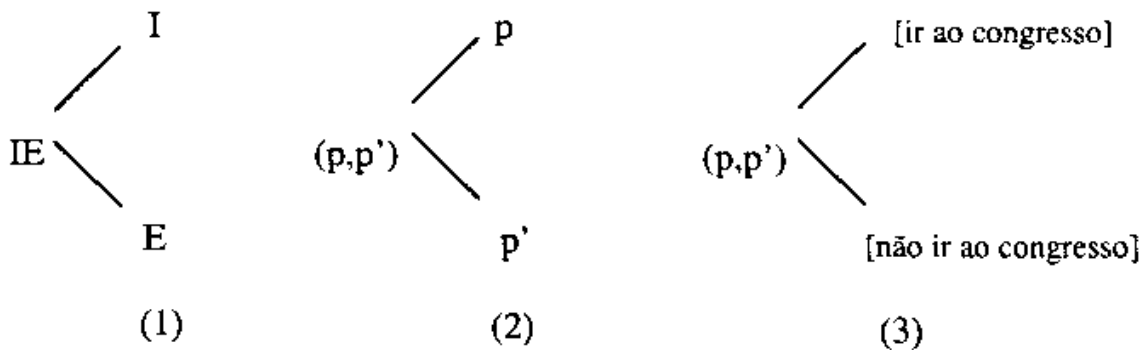
Vejamos os mecanismos subjacentes a três enunciados semanticamente muito próximos e onde se regista uma inadequação entre dois estados de coisas, duas representações, alteridade enunciador e co-enunciador: *Era o que (me) faltava!*, *Era só o que (me) faltava!*, *Era o que mais (me) faltava!* enquanto produzidos e reconhecidos em situação de interlocução.

Tomemos o enunciado interrogativo seguinte:

(4) A: *Vais ao congresso?*

Em (4) o sujeito enunciador antecipa o espaço enunciativo do seu co-enunciador para que este valide ou não valide a relação predicativa construída. Duas operações estão em jogo e correspondem a modalidades distintas: a modalidade epistémica e a modalidade intersujeitos. A relação predicativa <ir, ao congresso, tu> permite construir e percorrer os possíveis (p e p’) a partir de uma posição destacada do domínio (p, p’). Esses dois caminhos: um que conduz a p e o outro a p’ podem ser representados pelos grafos de bifurcação (1) e (2) (segundo Culioli 200: 113) e adaptados em (3) para o nosso estudo:

[Diagrama 3]



<sup>3</sup> É realizada também ela num plano destacado (dos outros: plano de a), de b)) e do Tempo da Enunciação.

Estabelecemos que a *p* corresponde <ir ao congresso> e a *p'* <não ir ao congresso><sup>4</sup>. Retomemos (4) reproduzido em (5)

### 2.2.1 Era o que (me) faltava!

O co-enunciador tomado segundo enunciador valida ou não a relação predicativa, podendo também, verbalmente ou não<sup>5</sup>, marcar que rejeita a própria construção da relação predicativa.

Nessa situação, B pode construir como resposta a A:

(5) A: Vais ao congresso?

B: Era o que me faltava! (Pensas que não tenho mais nada para fazer?; Achas que eu ia a um congresso fora de Lisboa?; Não estás bom da cabeça, pois não? Pensas que eu tenho a tua vida ou quê?!; Achas que eu ia a um congresso sabendo de antemão que seria um fracasso?!)

O enunciador de B considera a pergunta de A inadequada, sem razão de ser, desqualificando a pergunta e rejeitando o estatuto do co-enunciador (o co-enunciador é portanto dissociado do locutor A). Esse desajustamento existe na medida em que para B a resposta só poderia ser *p'* e daí o despropósito da pergunta, podendo considerá-la inclusivamente provocatória. Para B, o acesso a *p'* é único e por isso rejeita o ponto de partida IE (cf. diagrama 3). Estamos, portanto, no grau mais elevado da escala dos valores epistémicos e na modalidade intersujeitos.

O valor intensivo do enunciado provém, portanto, do facto de, para o Enunciador, a validação da relação predicativa estar completamente fora de causa, daí a falta de adequação da pergunta, a ruptura enunciativa com a retirada de estatuto ao co-enunciador.

#### 2.2.1.1 Breve descrição das operações subjacentes ao enunciado (5 B):

a) A frequência do pretérito imperfeito neste tipo de construção-resposta deve associar-se ao mecanismo de construção da significação: a existência de duas representações a que correspondem dois caminhos (*p*; *p'*), sendo uma delas fictiva e outra efectiva<sup>6</sup>, i.e, validada. O imperfeito marca a construção de um localizador fictivo a que associamos a possibilidade de (caminho possível para *p*) *p* ser o caso, construído por alteridade com *p'*, que é o caso. O imperfeito marca assim uma alteração de perspectiva, o que leva de Vogüé a afirmar que o imperfeito é “une question d’égards” (de Vogüé 1993: 65-91). O caminho identificado pelo Enunciador corresponde, aparentemente, e daí o valor intensivo, exactamente ao ponto de

<sup>4</sup> Mas nem sempre se verifica uma equiponderação: A pode prosodicamente marcar o acesso privilegiado a *p* (“tu não vais ao congresso mesmo sabendo que vai lá estar o teu orientador?!”) ou a *p'* (“tu vais ao congresso mesmo sabendo que o programa é tão pouco interessante?!”).

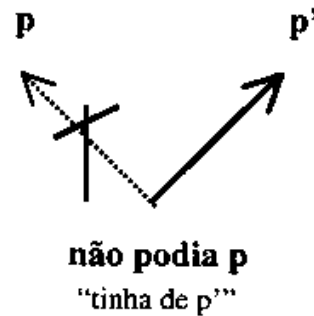
<sup>5</sup> E.g.: gestos (mais ou menos obscenos), fuga, agressão física; mas verbalmente também com insultos, interjeições,...

<sup>6</sup> Quer dizer, representa um estado de coisas fictivo ou um estado de coisas efectivo.

vista objecto de rejeição. Paráfrases como *Achas que eu ia a um congresso fora de Lisboa?! ou Achas que eu ia a um congresso sabendo de antemão que seria um fracasso?! mostram a proximidade com o valor assertivo de um modal forte como “poder”.*

Uma representação bifurcada [diagrama 4] dos caminhos que o modal *poder* constrói pode ajudar a ver a força modal associada a *não poder*<sup>7</sup> muito próxima de “E eu ia ao congresso sabendo que...?”

{Diagrama 4}



O valor de **não podia p** (equivalente a *tinha de p'*) está representado pela construção do caminho para **p'**, ao mesmo tempo que se bloqueia o caminho para **p**.

b) Um aspecto essencial distingue esta construção da descrita em 2.1, onde o pronome anafórico concorda com o termo antecedente nos seus traços gramaticais de género e número. No caso que agora procuramos descrever, o pronome não retoma uma ocorrência específica mas a relação predicativa<sup>8</sup> ainda não determinada nem quantitativa (qnt) nem qualitativamente (qlt) nem localizada enunciativamente pelas coordenadas temporais-aspectuais. Digamos que ainda não tinha sido construída uma ocorrência [ou é como se não tivesse sido construída]. Portanto, na concordância gramatical, retoma-se o género gramatical masculino, que é o termo não marcado: “o” retoma a relação predicativa <ir, ao congresso>. Este facto parece, na nossa opinião, explicar não só a presença do pretérito imperfeito, deslocando a relação predicativa para um plano destacado da enunciação, mas também a distanciação do enunciador em relação ao processo. Uma outra razão parece autorizar esta abordagem: o Tempo localizador de uma construção com o imperfeito pode ser anterior (como no exemplo 5B) ou posterior ao Tempo da enunciação (se em 5A tivermos *Foste ao congresso?*). Verifica-se afinal um desfasamento entre A e B porque B considera que a pergunta de A não tem razão de ser, i.e, A não devia formular essa pergunta dado que a resposta é evidente. Para B não se trata de validar ou não validar a relação predicativa mas simplesmente de a rejeitar.

c) Subjacente ao enunciado (5b) *Era o que faltava!* existe um mecanismo de localização circular, próprio dos enunciados exclamativos, e prosodicamente

<sup>7</sup> Com base na adaptação feita em Moreira 2001: 162 a partir de um diagrama adaptado de Campos (1998: 127).

<sup>8</sup> Portanto, na concordância gramatical, retoma-se o género gramatical masculino, que é o termo não marcado: “o” retoma toda a relação predicativa <ir, ao congresso, tu>.

marcado: o enunciado<sup>9</sup> é localizado em relação a ele mesmo: o que faltava é identificado com o que faltava. Se desagregarmos, como fizemos, os dois termos, verifica-se que há uma identificação estrita entre eles de onde surge o valor intensivo: “é tudo”, “nada mais”, mais nada”. O marcador da operação de identificação é o verbo copulativo “ser”.

Esta auto-determinação permite ao enunciador, segundo Culioli, “formular uma apreciação sobre o predicado (a propriedade)” (Culioli 1999: 118), de um modo interno. Através deste esquema circular de auto-referência, o enunciador engendra a classe de todos os valores possíveis que a propriedade pode tomar<sup>10</sup>, nomeadamente o valor “alto-grau”<sup>11</sup> e a consequente modalidade apreciativa (‘é revoltante, é horrível pensar (dizer) que eu podia ir ao congresso’). B repudia a hipótese (p) apresentada por A e indigna-se com o facto de A ter apresentado p como um caminho possível para a validação da relação predicativa.

O *imperfeito* marca a distância de construção da nova situação de enunciação em relação ao enunciado de A. *Faltava* comporta assim dois percursos sobrepostos (ou pelo menos intrincados): por um lado ‘faltava algo’ (representado por “o” através de uma operação de re-identificação) que corresponde à pergunta de A ‘ir ao congresso seria o caso’, e, por outro, uma nova re-identificação com o estatuto de localizador da nova relação predicativa marcada pelo “que”. Digamos de uma forma mais simples que a ironia (e a antífrase) deste enunciado advém precisamente desta remissão circular: por um lado há uma falta (uma carência) e essa falta possui as características de uma representação tipo, situada por isso no centro do domínio da noção /faltar/. Este mecanismo está assim na base da desvalorização de A: B desqualifica A. Daí glosas como: ‘não estás bom da cabeça, pois não?’, ‘Achas que eu ia<sup>12</sup> mesmo ao congresso? Só se fosse maluco!’.

### 2.2.2 Era o que mais (me) faltava!

Falemos agora do enunciado (6), que se distingue de (5) pela presença de “mais”.

B pode construir como resposta a A:

A: *Vais ao congresso?*

(6) B: *Era o que mais me faltava!*

<sup>9</sup> Neste caso o enunciado é um termo; “termo” não se restringe a ‘elemento constitutivo’; um enunciado pode ser um termo e, tal como acontece aqui, localizado em relação a ele mesmo (cf. Culioli 1999: 118, n.11).

<sup>10</sup> Para Culioli, “a exclamativa comporta sempre um percurso sobre os dois valores do predicado (...) o positivo ou o negativo” (1999: 122).

<sup>11</sup> *Mais*, reforça esse movimento para o Centro (em virtude da alteridade com a orientação para o Exterior inerente à negatividade nocional de *faltar* (p’)) e daí o efeito retórico. Anoto, sem comentar, um exemplo com *mesmo*: “Era mesmo o que faltava!” onde está manifesta a re-orientação modal e consequentes efeitos retóricos.

<sup>12</sup> Retomamos aqui o valor modal de *ia* referido acima.

Podemos manter as extensões apresentadas para (5) (cf. 2. 2.1) e os mecanismos aí descritos; de que operação é “mais” marcador, ou seja, o que é que ele acrescenta?

*Mais* marca a existência de um percurso no interior do domínio em direcção ao centro: B reconstrói a ocorrência como estando localizada no centro (B reconstrói a pergunta de A como privilegiando o acesso a p (<ir, congresso>)).

A curva melódica e as propriedades lexicais de “mais” intensificam a localização da ocorrência no Interior em direcção ao centro, o que reforça, por efeito irónico, a sua localização no Exterior. Dito de outro modo, fazem saltar do centro para o Exterior a ocorrência vazia.

Se esta argumentação é consistente, um novo problema se levanta: como justificar a proximidade entre um enunciado como (6) *Era o que mais faltava* e (7) *Era só o que (me) faltava!*

Dito de outro modo, como manter a explicação que demos para “mais” se as propriedades de “mais”, aparentemente, nada têm a ver com “só” (cujo valor de restrição, exclusão que as gramáticas referem ou exprimindo “pouco”, parece opor-se a “mais”). Donde lhes vem uma tão grande semelhança interpretativa nestes enunciados?

### 2.2.3 Era só o que (me) faltava!

O enunciado (7) distingue-se de (5) pela presença de “só”. B pode construir como resposta a A:

A: *Vais ao congresso?*

(7) B: *Era só o que (me) faltava!*

Mantendo as extensões apresentadas para (5) e para (6), o que mostra a proximidade de interpretação (cf. 2.2.1), e os mecanismos descritos em (5), de que operação é “só” marcador, ou seja, o que é que ele acrescenta?

Um enunciado assertivo *Era só o que (me) faltava* corresponde a ‘faltava-me isso (e nada mais)’, ‘faltava-me simplesmente isso’ e ‘isso’ é pouco, ‘não é mais do que isso’. Esta última paráfrase permite enquadrar o problema: a relação predicativa tem uma orientação para a fronteira, e por isso para o Exterior<sup>13</sup> mas, na realidade, trata-se de uma orientação complexa, dado que a uma primeira orientação para o Centro, de que é marcador *mais*, se sobrepõe uma segunda para a Fronteira, devido à incidência do adverbial *não* sobre a primeira.

Uma representação metalinguística simplificada de *só* permite-nos estabelecer as duas operações básicas que o marcador desencadeia. Por um lado,

(a) *só* z assinala que se está perante um valor *não nulo* (afirma-se a existência de z); por outro,

(b) significa que a selecção de um termo z é interpretada como “z nem mais nem menos”, isto é, assinala que *não temos mais que z*.

<sup>13</sup> Ver a proximidade com *Não me faltava mais nada!*



Esta forma metalinguística apresenta os constituintes interpretáveis como *z*, por um lado, e como “mais e/ou menos do que *z*”, por outro. O “mais” e o “menos” podem ter uma interpretação intensional (grau) ou uma interpretação extensional (quantidade).

O valor de restrição associado a *só*, referido nas gramáticas, surge então da dimensão negativa inerente à selecção de *z* num contexto em que poderíamos esperar “mais” ou “menos” do que *z*, tendo em conta o complementar linguístico de *z*, o que não é *z*.

Não podemos esquecer que nas construções que aqui procurámos descrever é necessário que a avaliação subjectiva do enunciador incida sobre uma propriedade ou relação predicativa <ir, ao congresso> avaliada teleonomicamente como inadequada (detrimental, má, incorrecta, intolerável).

2. 2. 4 Concluindo: o que distingue então os enunciados (5) e (6), em que se produzia o valor alto centrado, de (7)? Reformulando a pergunta: qual a operação de que “só” é marcador? “Só” marca a eliminação de toda e qualquer alteridade (eventual/possível que um outro enunciador poderia atribuir)<sup>14</sup>.<sup>15</sup> É construída então uma orientação modal pseudo-deôntica tornando possível um só valor.

## Referências

- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998), *Dever e Poder. Um subsistema do sistema modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT.
- \_\_\_\_\_ (2002), “Questões aspectuais: algumas especificidades do português”, in *Ex oriente lux. Festschrift für Eberhart Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, Valentia Frankfurt am Main.
- Culioli, Antoine (1999), *Pour une linguistique de l'énonciation*, tomo 3, Paris, Ophrys.
- \_\_\_\_\_ (2001), “J'allais me laisser faire, peut-être”, in Monique de Mattia & André Joly (org.), *De la syntaxe à la narratologie énonciative*, Paris, Ophrys, pp. 107-118.
- Moreira, Benjamim (1998), “Sobre as propriedades de *mesmo*”, in *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 395-407.
- \_\_\_\_\_ (2001), “Para uma análise linguística do conto “Sobre da morte de Bieito” de Rafael Dieste: referenciação, enunciação e modalidade”, *Revista Galega de Filoloxía*, 2, pp.157-166.
- Vilela, Mário (1999<sup>2</sup>), *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina.
- Vogüé, Sarah de (1993), “Des temps et des modes”, *Le Gré des Langues*, 6, pp.65-91.

<sup>14</sup> Ver, p.e. “Eu só queria que tu estudasses. Acho que não estou a pedir muito”; “só faltava que lhe desses razão”, “só faltava que o avião não partisse a tempo”.

<sup>15</sup> Talvez o professor Mário Vilela se esteja a referir a essa operação quando considera *só* uma “partícula gradativa ou seriativa” (Vilela, 1999: 262).